

O Cristianismo e o Império Romano

AULA 7

O cristianismo e a religião do império romano

Wesley R. Silva

Escola Bíblica de Adultos

Outubro – Novembro 2017

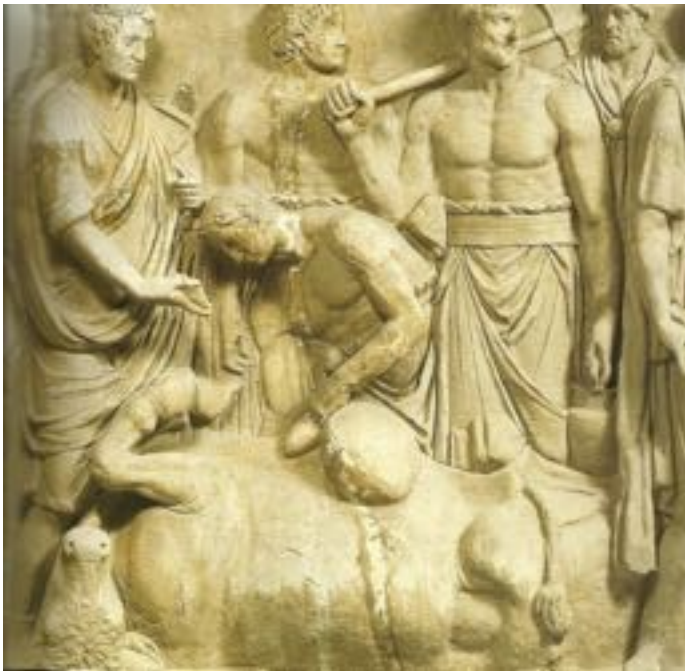
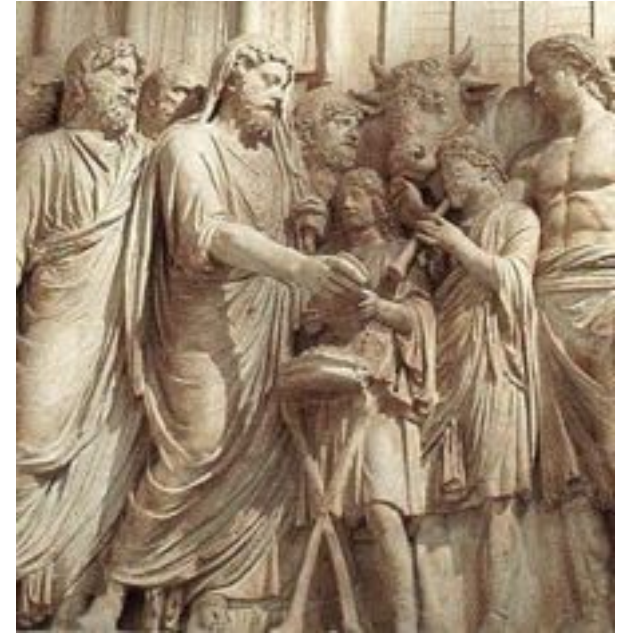
A religião greco-romana

- Os romanos viam a religião como inseparável do estado e como uma forma de identificação com uma comunidade étnica ou geográfica.
- Devido ao caráter politeísta da sua religião, os romanos eram tolerantes a outras religiões, desde que estas não representassem uma ameaça ao seu domínio.
- A religião greco-romana era basicamente um contrato entre os deuses e a humanidade, com o propósito de ganhar a cooperação dos deuses nos negócios humanos.
- Ao invés de um código de conduta pessoal, este contrato estabelecia os procedimentos corretos a serem feitos durante os ritos cerimoniais, principalmente sacrifícios e orações.

A religião greco-romana

- Os sacrifícios eram a forma básica de adoração, pública ou privada.
- Dependendo do deus a ser adorado e da ocasião, o animal sacrificado poderia ser um touro ou uma vaca, um porco, um cordeiro, uma ave, um bolo, leite, queijo, vinho ou mesmo incenso.
- As vísceras do animal sacrificado eram examinadas para constatação de que era sadio. Em caso de anormalidade, outro era providenciado.
- Quando o animal era grande, as partes não comestíveis eram queimadas sobre um altar e as partes comestíveis eram preparadas e comidas pelos sacerdotes.
- As sobras eram destinadas para a venda nos mercados, para consumo da população (1 Co 10:25-31).

A religião greco-romana



A religião greco-romana

- O *pater familias* era responsável por oferecer sacrifícios e proceder aos rituais religiosos da sua família.
- As divindades mais populares entre os romanos eram as *lares*, entidades que representavam o espírito dos ancestrais mortos e que protegiam tudo o que estava ao seu redor, incluindo o ambiente doméstico.



A religião greco-romana

- Antes de qualquer assunto oficial importante, os romanos procuravam saber a vontade dos deuses pelo exame das entranhas de animais (aruspício), voo ou presença de certos pássaros.
- O calendário oficial contemplava muitas festividades em celebração aos deuses, como a Saturnalia, realizada em dezembro em homenagem a Saturno, e a Floralia, em maio em homenagem à deusa Flora.
- Na época de Jesus e Paulo, a existência dos deuses oficiais do panteão greco-romano já era questionada pela classe política e mesmo pela sacerdotal, enquanto as pessoas comuns preferiam cultuar as divindades menores locais.



Romanos na decadência (Thomas Couture, 1847)



Floralia (Proper Piatti, 1899)

O panteão greco-romano

Roma	Grécia	Domínio
Júpiter	Zeus	céus (pai de deuses)
Juno	Hera	mulher, maternidade, casamento
Minerva	Atenas	artes, sabedoria, guerra
Apolo	Apolo	juventude, música, poesia, arte etc
Esculápio	Asclépio	medicina, cura
Marte	Ares	guerra
Vesta	Hestia	coração, lar, família
Mercúrio	Hermes	comércio, ladrões, eloquência
Ceres	Deméter	fertilidade, grãos, estações do ano
Vulcano	Éfesto	fogo, ferreiros
Netuno	Poseidon	rios e mares, terremotos
Vênus	Afrodite	amor, beleza, sexualidade
Diana	Artemis	caça, lua, natureza, mulheres
Fortuna	Tique	sorte, destino, esperança
Baco	Dionísio	vinho, agricultura, fertilidade, depravação
Cástor/Pólux	Castor/Pólux	marinheiros e viajantes

O panteão greco-romano

Roma	Grécia	Domínio	NT
Júpiter	Zeus	céus (pai de deuses)	At 14:12-13
Juno	Hera	mulher, maternidade, casamento	
Minerva	Atenas	artes, sabedoria, guerra	
Apolo	Apolo	juventude, música, poesia, arte etc	
Esculápio	Asclépio	medicina, cura	
Marte	Ares	guerra	
Vesta	Hestia	coração, lar, família	
Mercúrio	Hermes	comércio, ladrões, eloquência	At 14:12-13
Ceres	Deméter	fertilidade, grãos, estações do ano	
Vulcano	Éfesto	fogo, ferreiros	
Netuno	Poseidon	rios e mares, terremotos	
Vênus	Afrodite	amor, beleza, sexualidade	
Diana	Artemis	caça, lua, natureza, mulheres	At 19:24-41
Fortuna	Tique	sorte, destino, esperança	
Baco	Dionísio	vinho, agricultura, fertilidade, depravação	
Cástor/Pólux	Castor/Pólux	marinheiros e viajantes	At 28:11

O culto ao imperador

- O culto ao imperador começou com César Augusto e era a propaganda ideológica de Roma para manter o seu controle político nas nações conquistadas.
- O culto disseminou-se mais rapidamente no oriente do império, uma vez que os povos orientais eram ensinados há séculos a venerar seus governantes.
- No início Augusto objetou publicamente a ser venerado, mas acabou cedendo à pressão dos governadores e oficiais das províncias, decretando que os romanos não deveriam adorá-lo pessoalmente, mas sim ao seu *genius*, o espírito divino que presidia sobre sua vida e decisões.
- Esta estratégia era uma extensão do costume romano em que os membros de um família ofereciam incenso para o gênio do *pater familias*.
- Também tinha conexão com o culto à deusa Roma, que personificava a cidade de Roma e, por extensão, o estado romano.

O culto ao imperador

- No primeiro século o culto ao imperador tornou-se um componente importante da vida pública. Votos e juramentos eram dirigidos ao gênio do imperador.
- O termo “senhor” (*κύριος*) era aplicado a Nero (At 25:26).
- Vespasiano e seu filho Tito eram chamados “salvadores”.
- Outro filho de Vespasiano, o imperador Domiciano, exigiu que fosse tratado como senhor e deus (*dominus et deus*), mas foi assassinado logo depois.
- Os romanos não obrigavam ninguém a cultuar somente o imperador, mas permitiam que as pessoas mantivessem suas crenças religiosas.
- Por uma deferência especial de Roma, os judeus estavam eximidos de cultuar o imperador.

O culto ao imperador

- No primeiro século a igreja cristã se beneficiou da isenção que o judaísmo tinha em relação ao culto do imperador.
- Como o culto ao imperador era basicamente voluntário, os cristãos podiam evitá-lo na maior parte das vezes.
- O único problema para o cristão era quando a devoção ao imperador era utilizada como teste de lealdade, como fez o governador Plínio da Bitínia:

Recebi uma lista anônima com muitos nomes. Os que negaram ser cristãos, considerei-os merecedores de absolvição. De fato, sob minha pressão, devotaram-se aos deuses e reverenciaram com incenso e libações vossa imagem colocada, para este propósito, ao lado das estátuas dos deuses, e, pormenor particular, amaldiçoaram a Cristo, coisa que um genuíno cristão jamais aceita fazer (Carta de Plínio, o Jovem, a Trajano, ca 110 dC).

- Para militares e oficiais cristãos deve ter sido muito difícil evitar problemas com o culto ao imperador.

Roma e as outras religiões

- A lógica romana era que, se os deuses estrangeiros permitiam que seus povos fossem derrotados por Roma, então estes deuses estavam se submetendo aos deuses romanos e à soberania romana.
- Na religião greco-romana oficial havia pouco espaço para uma conexão mais pessoal entre o homem e os deuses do Olimpo. Estes eram representados tendo interesse somente pelos grandes homens e nações, mas não pelas pessoas comuns.
- Essa insatisfação espiritual levou à proliferação das religiões de mistério no império, muitas delas envoltas num status de religião oficial local.
- Essas religiões eram quase sempre ligadas aos ciclos estacionais (princípio da renovação da vida) e caracterizadas por um conjunto de conhecimentos especiais, somente revelados aos neófitos pelos sacerdotes, onde se destacava a busca pela imortalidade.

Roma e as outras religiões

- Entre as mais importantes se destacam:
 - o culto a Deméter (Ceres), uma das mais antigas religiões de mistério gregas, que se iniciou na cidade grega de Elêusis (mistério de Elêusis).
 - o mistério de Orfeu, que começou com um culto orgíaco a Baco, na Grécia.
 - o culto a Ísis, originado no Egito, que sofreu várias adaptações para se tornar popular na Europa, inclusive com um templo no centro de Roma.
 - o culto a Cibele, a grande mãe de todos os deuses, popular em todo o Mediterrâneo na época do NT, marcado pelo ritual do *taurobolium*.
 - o culto a Mitra, originado na Pérsia, repleto de simbologia astrológica, que se tornou um dos mais populares do império, rivalizando com o cristianismo no segundo e terceiro séculos (única religião de mistério que chamava seus seguidores a uma vida ética).

Roma e as outras religiões



Isis



Cibeles



Baco e Eros



Mitra



Ceres

Roma e as outras religiões

- Apesar de geralmente tolerantes em relação às religiões dos povos conquistados, os romanos às vezes eram críticos em relação a elas, incluindo o cristianismo.
- O historiador Tácito (56-120 dC), por exemplo, referiu-se ao cristianismo como “superstição mortal”, “asneira”, que os cristãos eram “notoriamente depravados” e que mereciam “impiedosa punição”.
- Roma apenas reprimia uma religião quando percebia evidências de que poderia levar ao rompimento da lei e da ordem.
- Algumas religiões eram proibidas por um imperador, mas liberada pelo seguinte.
- Em geral, os cultos mais perseguidos eram aqueles que envolviam astrologia e mágica.

Roma e as outras religiões

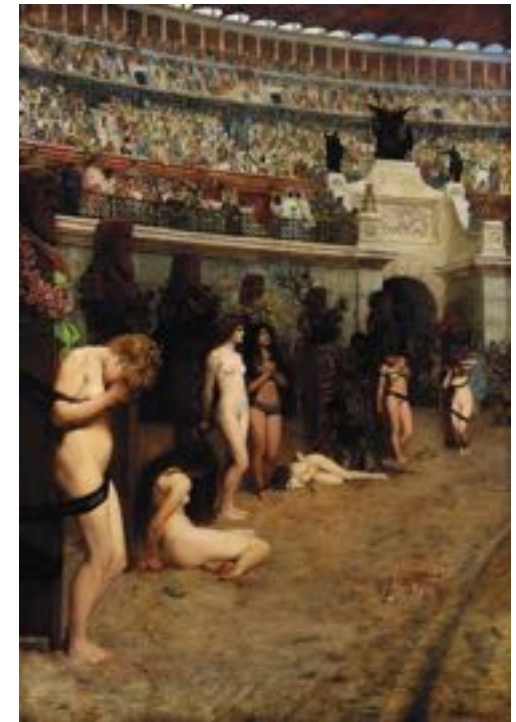
- Os cristãos eram inicialmente vistos como ateus e só foram perseguidos sistematicamente a partir do final do terceiro século.
- Roma praticamente ignorou o cristianismo até à metade do primeiro século, considerando-o uma seita particular do judaísmo.
- Mas no grande incêndio de Roma em 64 dC, os cristãos foram usados por Nero como bodes expiatórios, para combater os rumores de que o próprio imperador havia incendiado a cidade.
- Os cristãos personificavam a vítima ideal para a situação, pois eram uma combinação misteriosa de judeus, gregos e romanos, e agiam como um único povo, mesmo representando distintas nacionalidades, além de serem majoritariamente de baixo status na sociedade.

Roma e as outras religiões

- Não há evidências históricas de que os cristãos foram martirizados no Coliseu, que só foi construído 15 anos após a morte de Nero.
- A perseguição oficial por Roma não teve causas teológicas, mas sim legais. O crescimento vigoroso de uma religião não autorizada era um motivo forte de suspeita de insurreição política.



A última oração dos mártires cristãos (J-L Gerôme, 1883)



Fiéis até à morte (H. Schmalz, 1887)

A igreja no modelo sinagoga

- Como os primeiros convertidos eram judeus ou gentios simpatizantes do judaísmo (prosélitos), era natural que as primeiras igrejas assumissem o modelo de uma sinagoga:
 - a liderança era formada por anciãos.
 - as reuniões consistiam de leitura das escrituras, cânticos e orações.
 - mestres visitantes eram convidados para ensinar.
 - funcionavam como um ponto de contato para recém-chegados numa cidade.
 - havia cooperação entre as congregações de uma mesma cidade.
- At 13: 14-15 e 42-43, 14:1, 18:7-8.

A igreja no modelo sinagoga

- Por volta do final do primeiro século e início do segundo, quando Roma passou a ver a igreja como uma religião distinta do judaísmo, as igrejas tiveram que assumir uma outra forma de organização.



Ruínas da sinagoga em Óstia (30 km de Roma)

A igreja no modelo da associação voluntária

- Por aproximadamente três séculos a igreja não podia se congregar livremente porque o cristianismo não era uma religião licenciada.
- O governo romano era rígido em relação a organizações não autorizadas, por receio que elas atuassem como focos de subversão política.
- *“Quando as pessoas se organizam por um propósito comum, qualquer que seja o motivo e o nome dado, logo elas se tornam uma associação política”* (Carta de Trajano a Plínio, o Jovem, início séc 2 dC, recomendando a não formação de uma brigada de incêndio).



A igreja no modelo da associação voluntária

- Uma das possíveis formas de organização das primeiras igrejas cristãs no império romano foi através do registro como “associação voluntária” (*collegia*), permitida por Roma.
- Embora não encorajassem ou desencorajassem as associações voluntárias, os romanos permitiam que as pessoas se associassem livremente para algumas finalidades, vedada porém a atividade política.
- Estas associações permitiam que estrangeiros e membros das classes mais baixas experimentassem uma vida social adaptada às suas necessidades e origens, diminuindo o sentimento de exclusão pela maior parte da sociedade.

A igreja no modelo da associação voluntária

- Não há evidências históricas de que os cristãos em Roma se reuniam nas catacumbas da cidade.
 - As catacumbas eram de conhecimento público das autoridades.
 - As catacumbas não possuíam área ampla para reunião de grupos.
 - As catacumbas eram fétidas.

Catacumba de Priscilla em Roma



A igreja no modelo da associação voluntária

- Os romanos permitiam somente 4 tipos de associação voluntária:
 - profissionais
 - religiosas
 - fúnebres
 - domésticas
- As associações profissionais reuniam comerciantes e artesãos da mesma ocupação, algumas com grande influência e poder econômico.
- O tumulto provocado pelo ourives Demétrio em Éfeso envolveu uma dessas associações (At 19:24-28).
- Estas associações geralmente escolhiam como patrono um oficial do governo, com o intuito de defender seus interesses.
- Não há evidências de cristãos se reunindo em associações profissionais, mas aqueles da mesma ocupação poderiam se unir através das sinagogas ou das igrejas (At 18:1-2).

A igreja no modelo da associação voluntária

- Associações religiosas se reuniam em torno da adoração de uma divindade específica e somente religiões reconhecidas podiam formar associações.
- Eram populares entre estrangeiros, escravos e libertos, que tinham liberdade para cultuar os deuses de sua terra natal.
- O judaísmo era reconhecido como religião legal por Roma desde a época de Júlio César, mas a perseguição movida por Nero em 64 dC demonstra que, por esta época, os romanos já entendiam o cristianismo como religião distinta do judaísmo.
- Alguns grupos com certa afinidade social (p. ex. militares veteranos) formavam uma associação religiosa de fachada, apenas para poderem se reunir socialmente.

A igreja no modelo da associação voluntária

- Associações fúnebres eram compostas por pessoas pobres que procuravam ter um enterro decente, geralmente escravos ou libertos sem um patrão rico.
- Cada membro pagava uma taxa inicial de filiação e uma pequena mensalidade, que garantia um funeral honroso acompanhado pelos demais membros da sociedade, em uma tumba de propriedade da sociedade.
- Tertuliano (155-240 dC) argumentou que os cristãos não deveriam ser perseguidos, porque estavam organizados legalmente em associações fúnebres, cujos membros cumpriam fielmente suas obrigações.
- Alguns comentaristas acreditam que Paulo usou uma fórmula litúrgica fúnebre conhecida entre seus leitores (Rm 14:7-9).

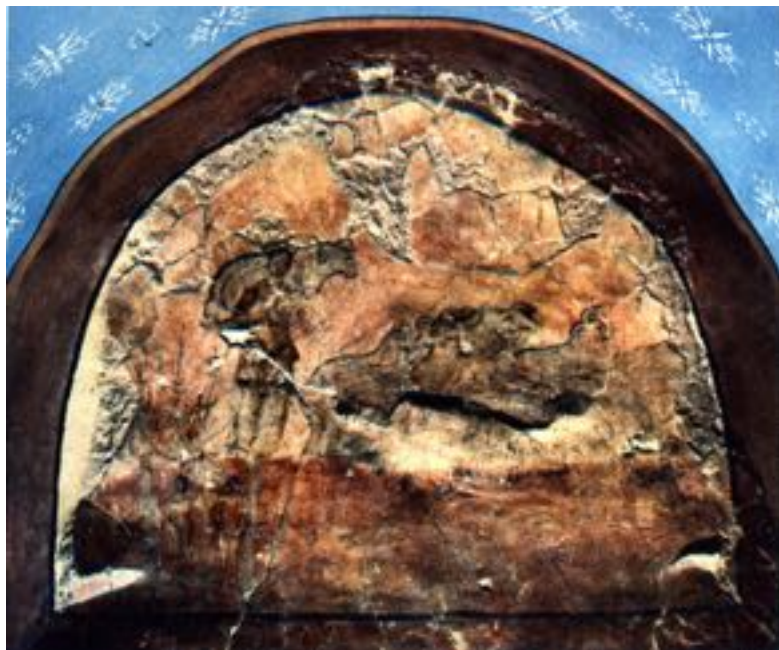
A igreja no modelo da associação voluntária

- Associações domésticas geralmente eram compostas pelos escravos e libertos que trabalhavam ou trabalharam na mesma família.
- Ao contrário das outras associações, membros das associações domésticas reuniam-se na propriedade de seu mestre.
- Registros históricos indicam que os povos helenizados predominavam nas associações domésticas, que eram comuns nas época de Augusto.
- Possivelmente muitas das congregações cristãs no NT se identificavam com uma associação doméstica (Rm 16).

A igreja no modelo da associação voluntária

- As associações voluntárias promoviam banquetes regulares em honra à divindade do grupo (1 Co 11:20-34).
- Reuniam-se num templo público, numa casa alugada ou particular.

Ruínas e pinturas no batistério da igreja domiciliar em Dura-Europos, Síria (~240 dC).



A igreja no modelo da associação voluntária

- As associações dependiam das doações de patronos ou benfeitores para complementar sua modesta receita.
- Possivelmente muitas congregações cristãs tinham seus patronos e patronesses (1 Co 16:15-18, Rm 16:1-2, At 16:14-15), mas sem conexão com a liderança local.
- João censura um homem chamado Diótrefes, que talvez tenha abusado da sua função de patrono de uma das igrejas (3 Jo 9-10).
- Apesar de usar a cobertura legal das associações, as igrejas cristãs diferiam completamente destas na sua essência e finalidade:
 - autoridade (Ef 1:20-23, Cl 1:18).
 - igualdade e fraternidade entre irmãos (Tg 2:1-8, 1 Co 11:22).
 - valorização da pessoa em Cristo e não por critérios de etnia, classe social ou gênero (Gl 3:27-28).

A igreja no modelo da associação voluntária

- A igreja dos primeiros séculos dependeu fortemente da estrutura e do espaço familiar para desenvolver a sua identidade.
- Várias passagens do NT retratam a igreja se reunindo em casas de famílias (At 1:13, 2:2 e 46, 8:3, 9:11 e 17, 12:12, 17:5, 20:20, 21:8 e 16, 28:30, 1 Co 16:19, Cl 4:15).
- Paulo saúda vários membros pelos nomes de suas famílias (Rm 16:10, 1 Co 1:16, 16:15).